

Sobre a Dialética

Giovanni Alves (UNESP-Brasil)

No atual estágio de desenvolvimento histórico-civilizatório, quando o ser social em toda sua extensão assume uma densidade complexa de amplitude planetária, sob a forma social do capital, relação social intensamente contraditória, o método dialético torna-se necessário e imprescindível para a apreensão científica do mundo dos homens.

O modo de ser da modernidade do capital exige uma apreensão dialética do mundo. A verdadeira ciência social e histórica comprometida com o conhecimento objetivo do ser social possui como pressuposto epistemológico – no sentido da *episteme* científica – a adoção, como princípio, do método dialético. Aliás, a dialética em sua legalidade lógica (e ontológica) expressa a forma de ser – objetiva e subjetiva – da processualidade histórica da constelação civilizatória que se constituiu no Ocidente nos últimos séculos. Portanto, a dialética se impõe àqueles que buscam apreender *cientificamente* a tessitura histórica do real.

Num primeiro momento, a dialética aparece na modernidade burguesa, como um modo de pensamento ainda ingênuo, intimidado pela lógica metafísica; enfim, como dialética idealista, ainda incapaz de apreender a matéria social e as relações sociais em seu movimento contraditório efetivamente concreto. Muitas vezes, sequer se reconhece como dialética. Entretanto, ela insiste (e persiste) nas idéias do grande pensador racionalista que visa o conhecimento científico do mundo. O modo de pensamento dialético que emerge na filosofia burguesa originária é uma dialética que aparece nos interstícios de uma metafísica dominante e que, tal como o Fantasma da Ópera, aparece sorrateiramente nos devaneios noturnos do pensamento formal incapaz de apreender a dialeticidade do mundo.

Na verdade, a dialética está no mundo real e não no pensamento dos grandes filósofos. Por isso, queira ou não queira, quando um grande filósofo se aproxima da verdade do ser no mundo, ela transpira, de algum modo, de forma ingênuo ou modo consciente, a dialeticidade do real efetivo, mesmo que ela apareça como jogo de oposições sem síntese e absolutamente irreconciliáveis (como a dialética se apresentava

em Kant – uma dialética sem síntese, onde as contradições eram tão-somente antinomias). Portanto, existe uma dialética em Francis Bacon e em René Descartes ou mesmo Spinoza. Existe uma dialética em Thomas Hobbes e Maquiavel. A dialética aparece também nas divagações filosóficas de um David Hume ou mesmo David Berkeley. Inclusive – e principalmente – a dialética aparece com vigor - e diríamos um vigor estéril! - na filosofia transcendental de Immanuel Kant. Como salientamos acima, a dialética de Kant e seus epígonos neokantistas – a dialética sem síntese - iria influenciar, por exemplo, as sociologias de Max Weber e Georg Simmel.

Mas é em George Wilhem Friedrich Hegel que a dialética do mundo assume sua dimensão consciente e suprema. Hegel é o filósofo do espírito do mundo burguês, permeado de contradições candentes e imbuído de uma dialeticidade atroz. É claro que a dialética de Hegel ainda é uma dialética idealista, mistificada pela sua incapacidade histórica de ir além do horizonte burguês, mas é inteligentemente objetiva. Mais do que Fichte ou Schelling, Hegel é o filósofo burguês que mais se aproximou do espírito do mundo moderno com sua candente dialeticidade, onde tudo que é sólido se desmancha no ar e tudo que existe merece perecer.

Para realizar o conhecimento verdadeiro do mundo histórico, a filosofia da história dá lugar em meados do século XIX, à ciência social e histórica. É Karl Marx e Friedrich Engels que inauguram a ciência histórica que irá apreender a dialética em sua forma adequada – materialista e histórica. Eis a forma de ser do mundo dos homens que a ciência moderna imbuída do espírito da dialética histórica busca apreender. É claro que o mundo da modernidade do capital é um mundo de luta de classes com suas clivagens epistemológicas. Assim como a dialética esteve reclusa no castelo da metafísica por séculos, sob a modernidade burguesa, ela irá ser perseguida – e combatida – pelo positivismo hegemônico na medida em que se acirra a luta de classes na modernidade do capital.

A ordem burguesa é a ordem do pensamento positivo. É a partir da ordem positivista que irá constituir-se outras *epistemes* do conhecimento social supostamente científicas. Ora, a necessidade histórica da ciência social se obriga Karl Marx e Friedrich Engels a inaugurar a ciência história na ótica dialética, obriga, na mesma medida, sob a mesma temporalidade histórica, Auguste Comte a inaugurar – numa ótica

reacionária - a ciência social ou sociologia na ótica positivista. A sociologia como ciência social particular irá crescer e desenvolver-se sob o espírito da ordem positiva.

O positivismo como espírito do pensamento burguês adquire uma sofisticação lógica (e epistemológica) no século XIX e XX, incorporando o idealismo e o irracionalismo (com sua filosofia de vida). Não existe um positivismo, mas múltiplos positivismos, elementos compositivos da visão burguesa decadente. À burguesia dominante não interessa o conhecimento científico do mundo no sentido do conhecimento histórico e social capaz de transformá-lo. Por isso, a ciência social positivista é intrinsecamente relativista, visceralmente impressionista, sendo absolutamente estéril para projetar o pensamento científico na direção da práxis transformadora (aliás, em nome da suposta neutralidade axiológica proclama a ficção da neutralidade científica – a dialética sabe que o conhecimento científico deve ser objetivo, mas é ilusão concebê-lo neutro). Ora, o pensamento positivista renega a historicidade do mundo dos homens e proclama a eternidade de seus princípios categoriais vazios e formais – eis o ponto de vista da Economia Política, a ciência burguesa *par excellence*.

No século XX, o positivismo se transfigura no formalismo, estruturalismo ou outros “ismos” que paralisam, no pensamento, a apreensão categorial da efetividade histórica e contraditória do mundo social dos homens, o movimento de negação da negação, mesmo que eles não tenham consciência das astúcias da Razão histórica. O positivismo ainda se transfigura no pensamento científico que renega as bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem em prol de um suposto paradigma lingüístico-comunicativo posto como substrato do real. Enfim, explicitar hoje a dialética como método, e o pensamento negativo como princípio, é ir além da ordem positiva – hoje pós-moderna – tão encastelada nos muros da academia e no senso comum.

Mas afinal, o que é o método dialético ?

Ora, o método dialético não se resume a regras de método, como por exemplo, Émile Durkheim que escreveu suas Regras do Método Sociológico. O método dialético não se explicita em regras formais, verdadeiras receitas para a investigação social. Dialética, como dizia Hegel, é a lógica da vida. Por isso, como não se aprende a viver nos bancos da escola, não se aprende dialética nos manuais escolares. Podemos enunciar

– sem pretensão de traçar um mero esboço metodológico - aqui alguns princípios nodais da episteme dialética.

Primeiro, a dialética é a ciência social e histórica do *concreto* como particular. A dialética é a ciência social e histórica do concreto, que, como salientava Marx depois de Hegel, é a unidade na diversidade ou a síntese de múltiplas determinações. O método dialético como método científico, visa assim, a apreender a concretude do real histórico, ou melhor, a sua candente particularidade, que é a síntese da singularidade e da universalidade.

A verdade é sempre concreta, dizia Hegel. Por exemplo, numa perspectiva dialética, não é suficiente afirmar que Portugal, é um país capitalista. É necessário investigar a forma particular de objetivação histórica do modo de produção capitalista em Portugal (o que vai distingui-lo essencialmente do capitalismo na França, Grã-Bretanha ou Brasil). Não é suficiente – na ótica dialética – afirmar que o capitalismo se baseia na extração de mais-valia. É necessário investigar as formas particulares de exploração da força de trabalho sob as condições do capitalismo global que colocam novas determinações na forma de extração da mais-valia.

A dialética exige imaginação (e coragem) sociológica ou capacidade de apreender o “novo”, que sempre vem e que se impõe como fato da própria vida – a dialética não busca a novidade pela novidade, mas sim, apreender o “novo” que emerge do “velho”, a superação que conserva, mas que vai além do dado; enfim, a síntese qualitativamente nova que se impõe como o “novo” que é a própria vida. A dialética é, deste modo, a ciência que visa apreender a vida do real, buscando elaborar categorialmente o “novo” que é posto pela processualidade histórica do real efetivo.

Uma parte significativa do marxismo do século XX perdeu o espírito da dialética. Sob os constrangimentos históricos da construção adversa do socialismo num só país, o marxismo positivizou-se. Assim, por exemplo, o marxismo soviético buscou tão-somente reiterar velhos conceitos e categorias do Materialismo Histórico deixados por Karl Marx ou Friedrich Engels, perdendo o espírito da dialética que caracterizava a investigação científica marxiana. Deixou-se de lado a elaboração criativa e inovadora das formas de ser do capitalismo do século XX e as novas determinações categoriais da produção (e reprodução) da vida social nas condições históricas do capitalismo tardio. Na ótica do marxismo dialético, a investigação social deve sempre buscar o que emerge

de “novo” na particularidade concreta do objeto de investigação sociológica – isto é, sua *concretude histórico-social*, com suas candentes e múltiplas determinações postas e repostas, produto das relações sociais de homens e mulheres em sua luta pela produção (e reprodução) das condições materiais da vida social.

A apreensão do concreto histórico e social é a apreensão da *totalidade concreta*. Todo concreto é a síntese categorial – no plano do pensamento – da totalidade social. Assim, o método dialético visa a apreensão da totalidade social que é, em si e para si, uma totalidade concreta, modo de ser das múltiplas determinações que imbricam o objeto delimitado pelo sujeito do conhecimento.

Segundo, o método dialético implica apreender no objeto de conhecimento delimitado para investigação científica, as *contradições* objetivamente históricas que o constituem como ser-aí. Na medida em que o objeto de investigação é parte compositiva de uma totalidade concreta em movimento histórico, um complexo de complexos, como diria Lukács, ele é um nodo de contradições objetivamente postas (e repostas) – objetivas e subjetivas, ocultas e desveladas pela processualidade de interações e lutas sociais que constituem a modernidade do capital. O espírito da modernidade do capital é um visceralmente contraditório, marcado por oposições, afirmações e negações peremptórias, contidas em cada parte compositiva do real concreto totalizante e totalizador que se quer investigar.

Na verdade, o objetivo da ciência histórica e social é expor e desvelar de forma objetiva e sistemática as contradições imanentes – antagônicas e não-antagônicas - do objeto de conhecimento e suas tendências de desenvolvimento histórico conectadas com o modo de produção (e reprodução) da vida social, o modo de produção capitalista e suas formas históricas de objetivação social e seu modo de sociabilidade impregnado da forma-mercadoria.

Terceiro, o método dialético exige a apreensão das *mediações* que constituem o objeto de investigação enquanto totalidade concreta. Eis o próprio sentido do conhecimento científico – discernir o objeto de investigação no interior de um movimento contraditório e mediado da totalidade concreta na qual ele é parte (de um todo). A mediação – como a contradição – é a alma do método dialético. Ela é o próprio caminho em que se desvela a verdade do real em sua concretude. É no movimento processual do objeto de investigação exposto em sua concreção que se expõe as

mediações necessárias. O pensamento metafísico desconhece as mediações, perdendo a densidade da realidade efetiva. A falta de mediações concretas – pois toda mediação é intrinsecamente concreta – é o vício do pensamento metafísico.

Finalmente diríamos que o conhecimento dialético é intrinsecamente prospectivo tendo em vista que visa apreender as leis históricas tendenciais do real efetivo e as contradição em movimento que é própria do objeto sociológico sob a totalidade concreta do capital.